

A POLÍTICA COMO MILAGRE

Rubem Alves no Cedi – Uma leitura a partir de Hanna Arendt

Agemir de Carvalho Dias¹

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o pensamento do teólogo e educador Rubem Alves a partir das suas crônicas publicadas na Revista Tempo e Presença, publicação do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), tendo como referência o conceito de milagre de Hanna Arendt. Analisamos o pensamento teológico, político e educacional de Alves.

PALAVRAS CHAVES

Teologia Brasileira, Política, Educação, Sociedade, Movimento Ecumênico, Rubem Alves.

ABSTRACT

This paper intends to analyze Rubem Alves' thinking who is an educator and theologian. This analysis is done through his chronics that were published in *Tempo e Presença* Journal, printed by the Information and Documentation Ecumenical Center (Cedi). Hanna Arendt's miracle concept is its reference. It was analyzed Alves' theological, politician and educational thinking.

KEY WORDS

Brazilian theology, Politician, Education, Society, Ecumenical Movement , Rubem Alves.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor de Teologia da Faculdade Evangélica do Paraná (Fepar), Diretor da Faculdade Teológica Sul Brasileira (Fatesul). Membro do Nupper: Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião. Este artigo saiu publicado originalmente na Revista Via Teológica, nº 11 – Julho de 2005, da Faculdade Teológica Batista do Paraná

INTRODUÇÃO

O educador Rubem Alves, professor da Universidade de Campinas (Unicamp) é um dos intelectuais mais renomados no campo da educação atualmente, e também é produtivo escritor. Sua obra é vasta, transitando em diversos campos: sociologia, filosofia da ciência, ecumenismo, filosofia da religião, teologia, literatura infantil, educação, crônica, poesia.²

Entre as muitas instituições em que colaborou se encontra o Centro Ecumênico de Informação e Documentação (Cedi), importante organismo ecumênico formado em 1974 e extinto em 1994, quando os programas que desenvolveu deram origem a três outras ONGs: Instituto Socioambiental, Ação Educativa e Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço.

O Cedi lançou a revista *Tempo e Presença*, que continuou sendo publicada pela Koinonia. Nesta revista, por muitos anos Rubem Alves divulgou suas crônicas, além de participar do conselho editorial da publicação. Foram 20 anos colaborando com o Cedi e até hoje ele colabora eventualmente com as organizações que o sucederam.

Aquela instituição ecumênica atuou em diversos segmentos: índios, movimentos populares, sindicatos, educação, meio ambiente, combate ao racismo. Contou com a participação, entre outros, de Leonardo Boff, Carlos Rodrigues Brandão, Zwinglio Dias, Waldo César, Aloísio Mercadante, Jether Ramalho, Emir Sader, Sérgio Haddad.

Pretendemos analisar alguns aspectos do pensamento de Rubem Alves nesta sua colaboração no Cedi por meio de suas crônicas mensais na *Tempo e Presença*. Não fizemos o levantamento de toda a sua participação: o trabalho se

² Uma parcela da obra de Rubem Alves se encontra a disposição no site www.rubemalves.com.br. Não é nosso interesse neste artigo fazer um levantamento das obras completas do autor.

restringe ao momento em que ele se tornou colaborador regular, abril de 1983, número 181, no qual se anuncia que a partir daquele número Rubem Alves

terá uma página na nossa revista para fazer o que quiser; rabiscar, brincar ou fazer reflexões preciosas como esta, pensada enquanto preparava uma bacalhoadada. Nossa única preocupação é que comece a pensar em lugares mais reservados, como Lutero, e daí passe a ter revelações, teses... é o risco que corremos. (*Tempo e Presença* n. 181, p. 14)

O Cedi era uma instituição ecumênica dedicada ao “serviço às igrejas e movimentos populares”, desta forma inserindo-se politicamente na sociedade brasileira. Após o golpe de 1964, ele foi formado como um espaço de resistência por religiosos que estavam comprometidos com o que se chamava então de “responsabilidade social da igreja”. Na sua maioria eram religiosos protestantes que buscavam o diálogo ecumênico. A sua luta era política, mas de uma forma diferente, que não se dava pelos meios tradicionais dos partidos.

Esta forma de fazer política reflete um desencantamento e por outro lado uma esperança. Neste sentido, vemos uma aproximação desta forma de encarar a política com o pensamento de Hanna Arendt apresentado no seu *O que é política?* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998). Procuraremos demonstrar que o modo de pensar a política de Rubem Alves se aproxima do conceito de *milagre* exposto por Hanna Arendt no texto mencionado, refletindo um princípio subjacente em pessoas que sofreram com o totalitarismo (o nazismo no caso de Arendt) ou com as ditaduras (no caso de Alves) e que por Ernst Bloch foi chamado de “princípio esperança”. Ressalvamos que o objetivo do trabalho não é demonstrar que Alves seja debitário de Hanna Arendt no seu modo de pensar a política: almejamos apenas estabelecer pontes entre dois apaixonados por um mundo em que a “condição humana” seja a do homem livre.

MILAGRE E POLÍTICA

No fragmento 3a, respondendo à pergunta “tem a política ainda algum sentido?”, Hanna Arendt discute o sentido da política na situação em que a própria sobrevivência humana corre perigo. Ela irá introduzir o conceito de *milagre* no seu pensamento político.

A resposta natural à pergunta pelo sentido da política é a liberdade. Esta resposta, segundo Hanna Arendt, deixou de ser óbvia em nossos tempos decorrência do que a política causou no século 20, com o que a pergunta torna-se mais “radical, mais agressiva, muito mais desesperada: tem a política algum sentido ainda?” (ARENDR, p 38)

A pergunta se subdivide. Primeiro, é feita diante da experiência com as formas totalitárias de Estado, nas quais, segundo a pensadora, “a vida dos homens foi politizada por completo” (ARENDR, 1998, p. 38). Neste caso, a liberdade não existe mais e, conseqüentemente, não se pode mais falar que o sentido da política seja a liberdade. Coloca-se em jogo a existência da própria humanidade e de toda vida orgânica na Terra (ARENDR, 1998, p. 39) e, conseqüentemente, não se pode falar que o sentido da política seja a preservação da vida.

Então Hanna Arendt expõe os elementos do desespero: “se a política causa desgraça e se não pode aboli-la, então resta apenas o desespero, ou a esperança de ‘não se comer tão quente como está sendo cozido’” (ARENDR, p. 39). Diante da situação exposta, o sentido da política se transforma em falta de sentido (ARENDR, 1998, p. 40).

Porém, a autora introduz o conceito de milagre: “mudança para salvação só poderá acontecer por meio de uma espécie de milagre” (ARENDR, 1998, p. 41), o *milagre* não sendo usado como um conceito religioso, mas como algo bem concreto de ser pensado:

Para nos libertarmos do preconceito de que o milagre é um fenômeno genuína e exclusivamente religioso, no qual algo sobrenatural e sobre-humano se intromete no desenrolar terrestre dos assuntos humanos ou no desenvolvimento natural, talvez seja conveniente rememorarmos em breves instantes que todo o marco de nossa existência real – a existência da Terra, da vida orgânica sobre ela, a existência do gênero humano – baseia-se numa espécie de milagre. Porque, sob o ponto de vista dos fenômenos universais e das probabilidades que nelas reinam e que podem ser apreendidas estatisticamente, o surgimento da Terra foi uma “infinita improbabilidade”. (ARENDDT, 1998, p. 42)

Esta infinita improbabilidade acontece sempre que há um novo começo que irrompe em novos processos. Infinitas improbabilidades relacionadas ao aparecimento da vida orgânica são usadas como metáfora para o que sucede com a história humana, pois nela também aparecem infinitas improbabilidades com tamanha freqüência que quase não se pode chamar de *milagre* (ARENDDT, 1998, p. 42)

Na crônica intitulada “O flautista mágico” (*Tempo e Presença*, n. 209, jul. 1986, p. 28), Rubem Alves conta a história de uma vila que é dominada por gigantes que retiram a liberdade e a alegria com o objetivo de proteger o povo, mas transformando o mundo em trevas. O “acontecimento-milagre” é a chegada do flautista mágico que derrota o gigante com a sua música alegre – e assim o povo aprendeu que gigantes e dragões são derrotados com “a Beleza e o Sonho...” Rubem Alves parte da teologia para construir a sua idéia de *acontecimento-milagre*. Para ele a história está grávida da vida, como expõe no texto “A comunidade da Esperança: Reflexões bíblicas sobre a natureza e a missão da Igreja” (*Tempo e Presença*, n. 226, p. 87)³:

De acordo com o apóstolo [Paulo], vivemos num mundo que foi engravidado pela atividade do Espírito Santo. No seu seio uma nova realidade está tomando forma ante os nossos olhos extasiados. Não se trata de um mundo estéril, seco, acabado, abandonado por Deus à sua própria sorte. Ao contrário: ele é morada do Espírito que nele penetra para gerá-lo de novo. Como se, a cada momento, o *milagre* da criação se repetisse, e as forças do caos e da morte fossem conquistadas pela determinação divina: Haja vida.

³ Este texto é reprodução de palestra de Rubem Alves na 3.^a Conferência Evangélica Latino-americana, realizada em julho de 1969, em Buenos Aires.

Para Hanna Arendt, o acontecimento-milagre acontece na história humana por um agir, pois é característica do “agir a capacidade de desencadear processos”. Assim, o milagre se relaciona com o poder de começar, estando “contido no fato de que cada homem é em si um novo começo” (ARENDR, 1998, p. 43). Nesta possibilidade de cada homem agir e começar algo novo consiste a liberdade, ou seja, retornamos ao sentido original da política:

Portanto, se esperar um milagre for um traço característico da falta de saída em que nosso mundo chegou, então essa expectativa não nos remete, de modo nenhum, para fora do âmbito político original. Se o sentido da política é a liberdade, isso significa que nesse espaço – e em nenhum outro – temos de fato o direito de esperar milagres.

Esta idéia é compartilhada por Rubem Alves na crônica “E eles transformarão suas espadas em arados” (*Tempo e Presença*, n. 185, p. 23):

Eles se justificam. Falam em nome da segurança, apontam para o inimigo, invocam a necessidade da vitória... Quanto a mim, tais palavras já não têm mais sentido. Que saberão os mortos sobre vitórias, sobre segurança, sobre inimigos? Prefiro a mais cruel tirania, com a vida, à mais completa vitória, com a morte. Porque, para haver a tirania, é necessário que haja a vida. E, não importa que demore mil anos: um dia a vida ressurgirá livre, quando os tiranos morrem. Mas da vitória da morte, quem ressurgirá?

Porque os homens podem fazer o improvável e o imponderável, podemos crer em “milagres”, ou melhor, por isso o milagre faz parte daqueles que buscam sentido na política.

1. BREVE HISTÓRIA DE UM “MILAGRE”

O Cedi foi formado por ex-participantes do Setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica do Brasil (Ceb), que se extinguiu somente em meados da década de 1980, mas que já tinha sofrido uma grave crise quando do golpe militar de 1964. Este setor reunia pastores e leigos de diversas denominações protestantes, principalmente presbiterianos, congregacionais e metodistas. A crise na Ceb culminou em 1962, quando o Setor de Responsabilidade Social convocou, para ser realizada no Nordeste, uma conferência com o tema Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro, cujas conclusões foram de apoio às reformas de base propostas por segmentos de esquerda e pelo Presidente João Goulart. Com o golpe militar os segmentos conservadores se sentiram fortes o suficiente para começarem os expurgos na Ceb.

Foi assim que, em 1965, um grupo de 15 pessoas, na maioria egressas da Ceb, criou o Cei (Centro Evangélico de Informação), que depois se tornou Ecumênico. O objetivo era manter vivo o ideal da responsabilidade social, do ecumenismo e da participação ativa da igreja na transformação social do país. Era um grupo de resistência ao regime ditatorial, e aos segmentos conservadores que tinham sido eleitos para a direção das principais igrejas protestantes no Brasil, na esteira do golpe militar. O novo organismo produzia um pequeno boletim com notícias sobre igrejas, sindicatos, movimentos sociais, ecumenismo, índios e meio ambiente.

Em 1974, o Cei se tornou Cedi (Centro Ecumênico de Informação e Formação). Magali Cunha (1997) estudou a formação do Cei e relacionou uma série de desdobramentos da sua criação, como o surgimento da revista *Paz e Terra*, que, ela relata, foi uma proposta do Cei ao intelectual Ênio Silveira, que era diretor da Editora Civilização Brasileira e que depois criou a Editora Paz e Terra. Também por iniciativa dos membros do Cei criou-se uma Capelania Ecumênica

que atuou junto a familiares de presos políticos. Este projeto não avançou, mas alguns anos mais tarde um dos fundadores do Cei, o reverendo James Wright, coordenou o projeto Brasil Nunca Mais. Alguns dos seus fundadores atuaram depois, direta ou indiretamente, em outras ONGs de caráter ecumênico como a Cese (Coordenadoria Ecumênica de Serviços), o Iser (Instituto Superior de Estudos da Religião) e o Cesep (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular).

Quando da comemoração dos dez anos da formação do Cedi, em 1984, Rubem Alves publicou a crônica “Como o terebinto e o carvalho” (*Tempo e Presença*, n. 192, p. 26.), em que apresenta a sua visão sobre as três décadas anteriores. Para ele, aqueles 30 anos (1954-1984) podiam ser divididos em três tempos:

Assim eu contaria estes 30 anos, sonata em três tempos, Natal, Herodes, Ressurreição, quase repetindo o poema do profeta Isaías (6:11-13). Ele termina de anunciar a queimada que virá, dizendo que não tem importância não. A vida é como o terebinto e o carvalho: mesmo quando cortados rente à raiz, de seus tocos surgem de novo os brotos verdes. Nordeste que renasce, depois da seca. Povo que canta e sorri, mesmo depois de 20 anos.

Na crônica, Rubem Alves contou dos sonhos da sua geração nos anos 1950, em que “tínhamos o mar aberto a nossa frente”. Não havia as “fogueiras da Inquisição, nem espada da repressão”. Contou tanto da perseguição interna sofrida na Igreja Presbiteriana, o que o levou a renunciar ao pastorado, como da repressão do regime militar, que o levou a sair do Brasil. Ele e a sua geração (os companheiros de formação do Cedi), bem como o teólogo Richard Shaull mentor intelectual dessa geração, eram protestantes com uma nova visão de mundo e não viam o “mundo como obstáculo”, qual faziam os que os antecederam.

Nós, diferentes por obra de alguma borboleta mágica que nos tocou,⁴ sentíamos o mundo como jardim, destino, coisa boa, carne da nossa carne, namorada a ser conquistada. (*Tempo e Presença*, n. 192, p. 26.)

⁴ Creio que o autor está falando aqui do teólogo Richard Shaull, que exerceu profunda influência na vida e no seu pensamento. Ver o depoimento dado por Rubem Alves quando da morte de Shaull

Na década de 1950, a geração de Rubem Alves experimentou uma nova forma de ser cristão: participava do movimento social e estavam motivada pelo ideal do ecumenismo. Brincando com as palavras, assim ele contou essas experiências:

E de repente um vento forte começou a soprar, e nele subiram pipas: movimentos de mocidade, universitários, seminários, organizações, jornais. O Vento assoprou Igreja Católica adentro, o mesmo Vento, assobiou em con/ ventos, des/ordenou ordens, jogou sementes novas em semen/ários velhos, fez voar padres, freiras e bispos, e até um papa virou pipa, bem no alto, João 23. Divisões antigas deixaram de fazer sentido. (*Tempo e Presença*, n. 192, p. 27)

O momento Herodes é identificado com o golpe militar de 1964. Rubem Alves identificou a reação como sendo medo do novo. Conta então a aliança que ocorreu entre as igrejas e a ditadura.

Veio então 1964, e os que brincavam com pedras se regozijaram então de que o tempo das pipas tivesse chegado ao fim. Pelo menos agora o ódio teológico encontrava um aliado na espada de Herodes... (*Tempo e Presença*, n. 192, p. 28)

Conta o surgimento pequeno e tímido do Cedi (ainda como Ceí) como “o broto saindo ao lado do toco”, afirmando que a “vida não acabara”. O Ceí só podia dar informações, pois naqueles tempos “a palavra era maldita”. E o broto foi crescendo, tomando espaço no mundo:

E foi assim que a coisa transbordou dos nomes religiosos na procura dos lugares onde acontecem os sinais de luta pela vida. “Para que tenham vida...”: os índios, os camponeses/agricultores, os pobres que precisam aprender para viver melhor, os que sofrem nas fábricas – todos estes lugares do sofrimento de Deus. E se compreendeu que as memórias das lutas precisam ser guardadas. Para que não esqueçamos, para que saibamos reconhecer as marcas de Deus e dos seus mártires... É assim que eu vejo o Cedi: broto nascido de um tronco cortado. (*Tempo e Presença*, n. 192, p. 28)

em 2003, com o título “su cadáver estava lleno de mundo”, *Religião & Sociedade*, edição especial: Ecumenismo, Memória e História, homenagem a Richard Shaull, volume 23, Rio de Janeiro, Iser, 2003.

2. O PENSAMENTO DE RUBEM ALVES NO CEDI: APONTAMENTOS

2.1. Rubem Alves e a Política

Queremos apontar alguns aspectos do pensamento político de Rubem Alves inscritos em suas crônicas. Logo acima, expomos as aproximações entre o pensamento de Rubem Alves e o conceito de milagre em Hanna Arendt, que por sua vez se aproxima do princípio esperança de Ernst Bloch.

Percebe-se em suas obras mais recentes a “não-garantia”, a reversibilidade, a frustrabilidade da esperança e assim da libertação – um pensamento típico, também do “velho” Ernst Bloch{...} No entanto, comparando Rubem Alves e Ernst Bloch, eles têm como denominador comum, o ponto de partida que é o cotidiano para toda a reflexão. (BAUNGARTL, 1998, p.103)

E é a partir de uma cena do cotidiano que Rubem Alves analisou a sua “proposta” de ação política. Na sua crônica “Fazer o povo parar” (*Tempo e Presença*, n. 184, pp. 18-19), ele conta que observava os militantes vendendo *A Hora do Povo*, jornal ligado ao MR-8, de oposição à ditadura militar, e ninguém dava importância. Os militantes anunciavam o periódico e as suas manchetes. “Ninguém ouvia os pregadores do jornaal (*sic*) *A Hora do Povo*... Bateu meio-dia no relógio da catedral, todo mundo fez o sinal da cruz, menos a hora do povo, de outra religião.” Ele relata que se lembrou de si mesmo como pregador protestante em praça pública e ninguém parando para ouvi-lo. Esta cena dos militantes pregando a sua ideologia fez com que pensasse qual seria a fala, o discurso que faria o povo parar:

E fiquei a pensar: qual seria a palavra que faria a mulher banguela parar e esquecer o seu traque? E o mendigo desanimado olhar para cima, com um sorriso? E os Continental e Galaxie se apagarem nos dedos esquecidos? E a menina deixar de olhar para a sandália de plástico, para olhar para quem está falando? E eu mesmo, preferir a conversa ao silêncio triste da catedral fúnebre em que entrei? (*Tempo e Presença*, n. 184, p. 19)

Ele mesmo conclui que faltava a palavra mágica. Na busca da palavra mágica que fizesse o povo parar é que Rubem Alves vai mudar de “companhia”:⁵

Talvez se mudássemos de companhia... Menos analistas e professores, mais bruxos e palhaços. Com estes sei que todo mundo pararia. Quem não pára para ver a banda passar, tocando coisas de amor? Ou o mágico de circo tirar pombas vivas de dentro da bexiga de festa?

2.2. Rubem Alves e a Educação

Em uma divertida crônica que inicia falando da intolerância de que fôra vítima quando era pastor presbiteriano, por causa das suas idéias “heterodoxas”, Rubem Alves expõe sua visão da educação e das crianças. A crônica tem por título “Criança: gente que ninguém leva a sério...” (*Tempo e Presença*, n. 217, pp. 16-17)⁶

Para Rubem Alves, a educação proposta é uma deformação que não leva a sério a criança. Para ele, o “projeto dos adultos para com as crianças não é o de ficar parecidos com elas mas, muito ao contrário, fazer com que elas fiquem parecidas com eles” (*Tempo e Presença*, n. 217, p. 17).

No processo educativo vigente, cada criança deve se tornar uma cópia do adulto: “Que cada filho seja uma cópia dos desejos do pai e da mãe – e ninguém imagina que a salvação está justamente no contrário, que sejamos capazes de recuperar a criança que mora reprimida dentro de nós.” (*Tempo e Presença*, n. 217, p. 17)

É claro que a sua proposta educativa já se encontra na linha política proposta/descoberta comentada anteriormente. Ele mesmo esclarece isso quando diz que

⁵ Outras crônicas na revista *Tempo e Presença* vão caminhar na mesma direção. Citamos algumas: “Sobre mágicos e cozinheiros” (n.181), “O galo” (n. 219), “Sobre bruxas e fadas” (n. 188), “Amaromar” (n. 216), “Rir de morrer” (homenagem a Henfil, quando da sua morte – n. 227).

⁶ O tema de capa dessa era a criança, um assunto permanente.

E eu pensei que haveria um pouco mais de esperança para o nosso país se os senhores deputados e senadores resolvessem ser mais parecidos com os meninos e as meninas, que abandonassem suas gravatas e coletes, porque não é possível que uma pessoa tenha pensamentos direitos se coloca objetos tão tortos e avessos sobre o seu corpo... (*Tempo e Presença*, n. 217, p. 17)

A sua proposta educativa vai na contramão de diversas propostas vigentes em nosso tempo. Mas ele está convencido de que só aprendemos aquilo que nos dá alegria, e todo conhecimento é inútil se não traz prazer. O “milagre” não pode acontecer se não formos capazes de novos começos, e por isso devemos repensar a educação e os seus processos deformativos.⁷

Pois é, nós adultos, porque nos levamos a sério, somos entidades enrijecidas, duras, solidificadas, incapazes de rir o riso que derrete as pedras, *incapazes de novos começos*. Criança é, basicamente, isto, *a permanente disponibilidade para começar de novo...* *Tempo e Presença*, n. 217, p. 17)

⁷ São diversas as crônicas em que Rubem Alves trata de educação. Entre elas estão “A libélula e a tartaruga” (n. 218), “O gambazinho que não sorria” (n. 208), “Este imenso maternal vazio”, (n. 235) e “A águia que (quase) virou galinha” (n. 223).

2.3. Rubem Alves e a Teologia

Quando Leonardo Boff foi condenado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (então presidida pelo cardeal Joseph Ratzinger, hoje dito Bento 16), sucessora do Santo Ofício, ao “silêncio obsequioso”, Rubem Alves escreveu uma crônica (“Silêncio”, *Tempo e Presença*, n. 198) dizendo que tinham tirado o brinquedo do teólogo da libertação. A crônica não tinha o objetivo de desdenhar a tarefa teológica, mas de situá-la naquela fala política que se tornou a sua opção. Teologia é importante porque é um jogo, uma brincadeira. Só nessa condição ela vale a pena.

Mater et magistra: mãe e mestra...
 Mas, de acordo com as estórias infantis
 a voz que exige o silêncio não é voz de mãe;
 é a voz de madrasta.
 Cinderela é condenada às cinzas:
 silêncio penitencial.

(*Tempo e Presença*, n. 198, p. 16)

A teologia se circunscreve na filosofia da linguagem, é “um jeito de falar”, coisa humana, muito modesta... (*Tempo e Presença*, n. 206) A filosofia da linguagem de Rubem Alves é essencialmente política. O agir de Hanna Arendt, que inicia as “infinitas improbabilidades”, para Rubem Alves está no falar.

Uma simples fala fará alguma diferença? Parece que o mundo se faz é com músculos, ferramentas, trabalho, armas... No princípio está o Ato... Mas o Evangelho de João diz o oposto, que o mundo começa com a palavra: “No princípio era o Verbo...” Antes de todos os atos que se fazem está uma palavra que se diz. (*Tempo e Presença*, n. 206, p. 32)

Para Rubem Alves, as palavras têm aquele poder de encantamento que ele buscava para fazer o povo parar. Não somente encanta como também possui: o mais forte envolve o mais fraco com a sua palavra – “*Ordinário, marche*”, e todos marcham. Ele entende que as tradições bíblicas possuem este poder de encantamento, este poder mágico de fazer crer que os mortos ressuscitam, de “chamar a liberdade”, de “reacender o amor”. E o fazer teologia é “estar envolvido

neste estranho ritual de palavras em que o que está em jogo é a vida e a morte” (*Tempo e Presença*, n. 206, p. 32).

Para Rubem Alves, a teologia deve ser saborosa, um saber de gosto bom, “palavras que se aninham no corpo e lhe dão nova vida...” (*Tempo e Presença*, n. 206, p. 32)

Na crônica “Sei que a vida vale a pena...” (*Tempo e Presença*, n. 224), ele comenta a tradução do seu primeiro livro (*Theology of Human Hope*) para o português e conta que escreveu o livro com uma mistura de “raiva e saudade”, pois o redigiu no exílio, “às margens dos rios de Babilônia”. Fala do seu distanciamento da Teologia da Libertação, pois a considera próxima dos fundamentalismos que ele, Rubem Alves, abominava.

Ambos estão em busca de uma verdade, têm seus textos inspirados e sagrados, e invocam a autoridade da realidade como fundamento de sua fala. Eu não acredito nisto. (*Tempo e Presença*, n. 224, p. 27)

A teologia de Rubem Alves talvez nem devesse ser chamada assim, pois não precisa de Deus como objeto do seu pensamento: ele precisa apenas da saudade para fazer teologia.⁸

Minha teologia não precisa da existência de Deus. Por isto, deixou de ser teologia. Passou a ser poesia. Ela não prova nada. E nem quer. Somente anuncia ausências, objetos para o quais a minha nostalgia se inclina... Demito-me da Teologia. Não tenho nenhuma verdade a compartilhar. Mas ponho o meu corpo na poesia. É só o que tenho a oferecer... (*Tempo e Presença*, n. 224, p. 27)

⁸ Muitas crônicas com temáticas teológicas foram escritas por Rubem Alves para a *Tempo e Presença*. Listamos algumas: “Transubstanciação” (n.186), “Liturgia (1)”, (n. 199), “Liturgia (2)” (n. 200), “Cara a cara com o que não se quer ver” (n. 215), “A impossível esperança” (n. 195), “Sobre a espiritualidade” (n. 207).

CONCLUSÃO

Na crônica “A imagem do rosto” (*Tempo e Presença*, n. 270), Rubem Alves evoca Jorge Luis Borges para falar que a sua obra era narcísica. Ele quer se ver no espelho, a sua obra deve ter o contorno do seu rosto. Ele adverte: *Cuidado, portanto, ao andar em meio aos objetos que delineiam o rosto de uma pessoa.*

Com este cuidado, procurei perfis deste pensador que introduziu um novo elemento no pensar a política, a educação e a teologia, a dimensão do riso, da poesia e da beleza. E este é um “milagre”, uma “infinita improbabilidade”, que desencadeia processos.

Hanna Arendt também acreditava contra toda a esperança que é possível pensar em novos começos e novos processos – é da condição humana. A política, a educação e a teologia só têm importância se descobrem elementos para tornar o homem livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. *A tribo ecumênica: Um estudo do ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1991.
- ALVES, Rubem. Sobre mágicos e cozinheiros. *Tempo e Presença*, n. 181, abr. 1983, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. Fazer o povo parar. *Tempo e Presença*, n.184, jul. 1983, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. E eles transformarão suas espadas em arados. *Tempo e Presença*, n. 185, ago. 1983, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. Transubstanciação. *Tempo e Presença*, n. 186, set. 1983, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. Sobre bruxas e fadas: Lutero contador de estórias. *Tempo e Presença*, n. 188, nov/dez. 1983, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. A árvore do futuro. *Tempo e Presença*, n. 189, jan/fev. 1984, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. O mar de Maria. *Tempo e Presença*, n. 191, abr/maio 1984, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. Como o terebinto e o carvalho. *Tempo e Presença*, n. 192, jun/jul. 1984, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. As ovelhas e os tigres. *Tempo e Presença*, n. 193, ago/set. 1984, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. A impossível esperança. *Tempo e Presença*, n. 195, dez. 1984, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. A volta do arado. *Tempo e Presença*, n. 197, mar/abr. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.
- _____. Silêncio. *Tempo e Presença*, n. 198, maio/jun. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Liturgia (1). *Tempo e Presença* n. 199, jul. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Liturgia (2). *Tempo e Presença* n. 200, ago. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Desejos esquecidos. *Tempo e Presença* n. 201, set. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. As idéias nas comunidades protestantes. *Tempo e Presença* n. 203, nov. 1985, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Teologia. *Tempo e Presença* n. 206, mar. 1986, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Sobre a espiritualidade. *Tempo e Presença* n. 207, abr. 1986, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. O gambazinho que não sorria. *Tempo e Presença* n. 208, maio 1986, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Onde Deus mora: no lugar do diabo. *Tempo e Presença* n. 215, dez. 1986, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Amaromar. *Tempo e Presença* n. 216, jan/fev. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Criança; gente que ninguém leva a sério. *Tempo e Presença* n. 217, mar. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. A libélula e a tartaruga. *Tempo e Presença* n. 218, abr. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. O galo. *Tempo e Presença* n. 219, maio 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. A águia que (quase) virou galinha. *Tempo e Presença* n. 223, set. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Sei que a vida vale a pena. *Tempo e Presença* n. 224, out. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. A comunidade da esperança. *Tempo e Presença* n. 226, dez. 1987, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Rir de morrer. *Tempo e Presença*, n. 227, jan/fev. 1988, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. A imagem do rosto. *Tempo e Presença*, n. 270, jul/ago. 1993, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

_____. Su cadáver estava lleno de mundo. *Religião & Sociedade*, número especial, vol. 23, Rio de Janeiro, Iser, 2003.

ARENDDT, Hanna. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *O conceito de amor em santo Agostinho: Ensaio de interpretação filosófica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BAUNGARTL, Otto Johann V. Nep. *Utopia Social: O pensamento utópico de Ernst Bloch no espelho da realidade latino-americana*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1998.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória: O Centro Ecumênico de Informação e a construção da identidade do protestantismo brasileiro*. Dissertação de mestrado em memória social e documento. Rio de Janeiro: Uni-Rio, 1997.